

Brasil vence disputa com Índia na OMC

Decisão do órgão, que será publicada até o fim do mês, implicará mudanças nos subsídios de Nova Déli

Por Assis Moreira — De Genebra
14/10/2021 05h01 Atualizado há 3 horas



Produção de cana-de-açúcar na Índia: com a confirmação da derrota do país na OMC, apoios de Nova Déli às exportações e às vendas internas terão de ser revistos — Foto: Prashanth Vishwanathan/Bloomberg

O Brasil conseguiu uma vitória de “ponta a ponta” contra a Índia na disputa do **açúcar** travada entre os dois países desde 2019 na Organização Mundial do Comércio (**OMC**), conforme apurou o **Valor**. Esse contencioso tem impacto no mercado internacional da commodity e no posicionamento dos dois maiores produtores globais nesse mercado.

A decisão final dos panelistas já foi enviada aos beligerantes e deverá ser anunciada pela entidade global até o fim deste mês. O confronto envolve subsídios de Nova Déli às exportações e também apoio doméstico, na forma de preços mínimos, oferecidos aos produtores indianos. Quando o Brasil levou o caso à OMC, o Itamaraty calculou que as “injeções” indianas causavam queda das cotações internacionais e prejuízos de pelo menos US\$ 1,3 bilhão por ano aos produtores brasileiros.

O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de açúcar. A Índia é o segundo maior país produtor e, turbinada por subsídios, tornou-se o terceiro maior exportador. Com o excesso de produção, o país consegue jogar grandes volumes de açúcar barato no mercado.

A decisão da OMC nessa disputa deverá sinalizar que a Índia terá que modificar sua legislação sobre subsídios à exportação e sobre apoio doméstico para o açúcar. Depois que o julgamento for anunciado publicamente, o mais provável é que Nova Délhi recorra, apesar de o Órgão de Apelação da OMC estar inoperante.

Isso significa que uma decisão final tende a demorar meses, ou até mesmo anos. Se os indianos não recorrerem, terão, então, de negociar com o Brasil um prazo para compatibilizar sua legislação com as regras internacionais.

Gosto amargo

O governo indiano já começou a preparar seu ambiente doméstico para a derrota, admitindo na imprensa local que a disputa com o Brasil deverá ter um “gosto amargo” nos próximos dias.

Brasília acionou a OMC contra a Índia em fevereiro de 2019, inicialmente com consultas que fracassaram. Mais tarde, o Brasil contou com a participação da Austrália e da Guatemala no questionamento de aspectos do regime indiano de apoio a seu segmento açucareiro, em particular do programa de sustentação do preço da cana-de-açúcar.

Recente estudo sobre perspectivas agrícolas até 2030 preparado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (**OCDE**) e pela Agência da ONU para a Agricultura e Alimentação (**FAO**), dá uma indicação do que está em jogo nessa longa disputa entre Brasília e Nova Deli.

O cenário traçado prevê que o Brasil deverá manter sua posição como maior produtor mundial de açúcar, seguido de perto pela Índia. Os dois países deverão representar 21% e 18% do total mundial de açúcar, respectivamente, por volta de 2030. Em termos absolutos e em comparação com o período 2018-2020, isso significa uma produção adicional de 5,8 milhões de toneladas, no caso do Brasil, e de 5,1 milhões de toneladas no da Índia.

Brasil continuará como líder

Até 2030, a expectativa é que as exportações de açúcar continuem altamente concentradas, com o Brasil consolidando sua liderança e com participação nos embarques globais passando de 39% para 43%. A estimativa é que as exportações brasileiras vão representar 72% do aumento previsto para o comércio mundial do produto. O segundo maior exportador é a Tailândia.

A Índia vem em terceiro, com oferta suficiente para manter um elevado nível de exportações, principalmente de açúcar branco. No entanto, se o governo indiano mantiver seus esforços para aumentar a produção doméstica de etanol, que ainda é tímida, os embarques de açúcar poderão sofrer uma desaceleração.

Liderados pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), produtores brasileiros têm tentado intensificar a cooperação bilateral com a Índia na área de bicompostíveis, para promover a produção e a utilização de etanol. Para o Brasil, interessa muito criar condições para a formação de um mercado global de etanol - e, também, evitar que um concorrente turbinhe suas vendas de açúcar com subsídios ilegais.

Hoje, a comercialização internacional de açúcar equivale a apenas 10% do que é produzido, e o percentual poderá até cair com o aumento da oferta de etanol.
